







Título Original: A Ruptura

Autor: Bruno Murteira dos Santos

Copyright © Editora Nova Geração & Bruno Murteira dos Santos

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Marina Oliveira

Revisão: Rita Félix e Ana Domingues

Paginação: Tânia Roberto

Capa: Rafaela Silva

1ª Edição: julho de 2026

Acabamento/Impressão: NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-3625-25-5

editora
**nova
ger** 



Aos meus pais, **Paula e Luís**, e aos meus irmãos, **Diogo**
e **Pedro** — o meu abrigo no fim do mundo.



Nota do Autor

Este livro nasceu da inevitável curiosidade pela complexidade do ser humano. Desde muito novo que a escrita e a criação de cenários estiveram presentes na minha vida. No secundário, quando finalmente tive a disciplina de Psicologia, foram-me abertos muitos mais horizontes. A partir daí, uma pergunta não me largou: o que é que fica de pé quando tudo o resto cai? *A Ruptura* cresceu desse incómodo: não como um simples tratado sobre uma catástrofe fictícia, mas como uma tentativa de aproximar pessoas que, em circunstâncias extremas, continuam humanas, para o bem e para o mal.

Escrevi estas páginas entre o *Google Maps* e a minha própria imaginação, horas a fio de cenários cinematográficos que se iam expandido e pedindo para serem expostos em papel. Poderia dizer que tinha lido manuais de sobrevivência e consumido todo o texto possível sobre a temática, mas não há como negar que o gosto pela série *The Walking Dead*, de Robert Kirkman, e mais tarde pelo jogo *The Last of Us*, da empresa Naughty Dog, foram a grande fonte de inspiração para o começo desta história.

Apoiei-me nisso e explorei o mapa dos Estados Unidos da América, procurando traçar com linhas reais, a história que queria construir. Quaisquer imprecisões — e existirão — são exclusivamente minhas. Procurei a verosimilhança emocional acima da exatidão documental: as distâncias foram por vezes comprimidas, os trajetos torcidos para caberem na respiração do capítulo, a cronologia moldada ao pulso do enredo. Se reconheceres uma rua, uma saída da autoestrada, um bairro de Richmond ou do norte da Virgínia, lembra-te: redesenhei o mapa para que servisse a verdade das personagens, não o *GPS*.

Embora o livro convoque mortos-vivos, os famosos *zombies* — aqui, por vezes, chamados andantes pelos próprios personagens —, eles nunca

foram o centro do meu interesse. A ameaça existe e é constante, mas o foco está nas escolhas, nos pactos frágeis e nas fissuras que se abrem quando a normalidade deixa de oferecer respostas. Bruce Owen nasceu desse impulso: não um herói clássico, apenas um homem comum com responsabilidades demasiado grandes, um fio de lealdade que resiste, e culpas que nem sempre entende. As outras figuras do livro — miúdos que crescem depressa demais, mulheres que já não têm espaço para o luto, líderes que confundem ordem com salvação — são compósitos de histórias ouvidas, sombras de reportagens, ecos de conversas, construções com base em personalidades já antes por mim vistas, não são retratos de ninguém em particular. Qualquer semelhança é coincidência trabalhada pela ficção.

A escolha de *A Ruptura* como título é deliberada. Mais do que «colapso» ou «fim», a palavra traz a ideia de corte súbito que não coincide com uma origem única: é um processo. Para muitas personagens, a ruptura acontece muito antes da sirene e muito depois do primeiro susto; começa na perda do que era íntimo e prolonga-se no que se tenta reconstruir. Interessa-me, sobretudo, esse intervalo: o tempo entre o gesto instintivo e a decisão pensada, entre o medo que nos salva e o medo que nos consome. Como costume dizer: Este livro **tem zombies**, mas **não é um** livro de *zombies*. É um livro sobre seres humanos.

No plano da linguagem, optei por escrever em português de Portugal mantendo os nomes, topónimos e referências culturais americanas. Esta fricção é intencional. Quis preservar o som e a cadência de quem conta a história a partir de cá, aceitando que certas expressões, procedimentos ou rotinas soem «estrangeiros». O essencial era que o leitor pudesse, em qualquer ponto, ocupar o lugar de Bruce num banco da frente imaginário e sentir o mundo a aproximar-se pelo vidro. Se poderia ter escrito num cenário em Portugal? Podia. Mas esta história sempre foi nos EUA. Tinha de ser concebida lá para me fazer sentido. Se um dia iri relatar algo neste universo, em Portugal? Porque não?!

Algumas notas de bastidores que podem interessar a leitores curiosos:

— A narrativa percorre zonas reais (Richmond, Dale City, Centreville, trechos de interestaduais), mas toma liberdades. O tempo interno do livro é o da tensão dramática; por isso, deslocações e durações obedecem à necessidade do capítulo, não a um relógio pericial.

— Onde surgem descrições de primeiros socorros, armamento improvisado ou táticas de fuga, tentei ser responsável e contido.

Este não é um manual, nem pretende ensinar ninguém a sobreviver a uma catástrofe natural. Se alguma passagem parecer excessiva, recorda que a violência aqui tem um propósito narrativo e ético: iluminar o que uma pessoa faz — ou recusa fazer — para proteger outra. E por favor: Não tentem nada disto em casa!

— «Andantes» foi usado, em certos diálogos, para refletir a recusa das personagens em nomear diretamente o que as aterroriza. Ou então, numa procura por lhes dar algum sentido. A linguagem é, muitas vezes, o primeiro abrigo.

— Instituições, comunidades e grupos mencionados são invenção literária. Poderá ter inspirações, mas o desenho final pertence apenas a esta obra.

Quanto ao processo: escrevi múltiplas versões, deitei fora capítulos inteiros e criei outros. Voltei atrás. Publiquei este livro pela primeira vez de uma forma pouco cuidada, com muitos erros ortográficos e escrita «verde». Aprendi que, às vezes, o que não se escreve é tão importante quanto o que fica. Ficarei eternamente grato pela experiência, por todos os que disseram bem do enredo, mas também a todos os que criticaram e foram duros. Fez-me crescer enquanto escritor e pessoa. Obrigado!

Se *A Ruptura* te incomodou em algum momento, isso diz-me que tocou no local certo. Se te ofereceu uma pausa num parágrafo mais lento, melhor ainda. Não quis moralizar, nem prometer redensões fáceis. Quis, apenas, que vissem como eu, quanto de nós permanece quando tudo o resto se desfaz — e se, no meio do ruído, ainda é possível reconhecer a mão que nos puxa para a frente.

Obrigado por teres chegado até aqui. A literatura, quando funciona, é uma casa em obras onde leitor e autor trabalham lado a lado. Se alguma imagem te ficou, se um gesto de Bruce, ou de qualquer outro rosto, te acompanhou para fora destas páginas, então este livro cumpriu o que me propus fazer: **Permitir introspeção.**

Cuida-te. E, quando precisares, concede ao livro — e a ti — a pausa que for necessária antes de seguires viagem.



Avisos de Gatilho

Violência gráfica e gore;
Morte e luto;
Tortura psicológica e crueldade humana;
Violência com armas de fogo;
Sofrimento/Perigo envolvendo jovens;
Linguagem forte.

Entra na história através da música





«A morte não é o oposto da vida, mas parte dela.»
— *Haruki Murakami*





PRÓLOGO

UMA MEMÓRIA DISTANTE

CHAMO-ME Bruce Willson Owen, tenho trinta anos e nasci em Richmond, Virgínia. Podia ainda viver lá, mas já não vivo. Saí há tempo suficiente para saber que não voltarei tão cedo.

Agora estou aqui, sentado há horas sobre uma caixa de cartão num acampamento improvisado. Amanhã, provavelmente, estarei noutra sítio. Nunca fui de criar raízes; ainda assim, hoje os pés pedem-me o contrário, como se ficar imóvel pudesse suspender o mundo.

Anoitece. Perdi a conta aos dias e isso já pouco importa. A civilização que conheci desfez-se, hábitos antigos cederam lugar a uma simples e urgente prioridade: sobreviver.

Se tento organizar as memórias, os últimos meses desfocam-se. Sei apenas que tudo começou a ceder perto do Natal. Faltavam dois dias para a véspera. Eu dava aulas de condução numa das maiores escolas de Richmond, então nesse dia cheguei tarde a casa e estranhei não ver a minha noiva, Emily. Ela costumava estar ali, pronta a abraçar-me e a perguntar como correria o dia — nos bons e nos maus.

Peguei no telemóvel:

Está tudo bem? Bjs

Enquanto aquecia qualquer coisa para comer, liguei a televisão. A primeira notícia falava de uma morte «misteriosa» em Miami: um assaltante fora abatido com um tiro no peito e, a caminho da morgue, «acordara» para atacar os paramédicos. Tiveram de o imobilizar e medicar para o calar de vez. Antes de mudar de canal, passou outro

caso semelhante. Fim de ano puxa ao macabro, pensei. «Malucos.»
Como estava enganado.

O telemóvel vibrou passado cerca de uma hora.

Caos no hospital. Fiquei para um turno extra.
Estão a pedir reforços. Assim que puder ligo-te. Amo-te.

Suspirei de alívio e adormeci.

Os dias seguintes tornaram-se um pesadelo. Relatos multiplicaram-se: mortos que «regressavam» à vida, ataques sem motivo, famílias em pânico. Ao início, a polícia ainda conseguiu conter de forma ordenada estes casos dignos de um filme de ficção científica, mas rapidamente começaram a falhar... O medo inundou as ruas e entrou-nos em casa. O Natal passou estranho, pesado. Mas a verdadeira ruptura, chegou depois do Ano Novo.

Os canais de notícias foram dando menos tempo de antena ao fenómeno, mas os casos não pararam. Em Richmond, ouviu-se de tudo: velhotas cujo coração parava e voltava, vítimas de atropelamento que mordiam quem tentava ajudar. Durante um tempo fingimos normalidade. Até que fingir se tornou impossível.

Foi numa aula de condução com dois alunos de dezassete anos, Brian e Marie, que deixei de poder fingir. Ficámos presos no meio de uma cidade a fechar-se sobre si mesma, cercados por autoridades que já não controlavam o que diziam controlar. O que se seguiu aconteceu demasiado depressa e ao mesmo tempo demasiado devagar: ruas cortadas, quarentenas improvisadas, militares, pânico, e depois a fuga.

Quando finalmente consegui sair de Richmond com os dois, a cidade já não se parecia com o lugar onde eu nascera. As casas começaram a esvaziar-se, os telefones a falhar, e a esperança a encolher a cada hora. Na manhã seguinte, vi Richmond à distância e percebi que a vida que eu conhecia tinha terminado.

Foi a última vez que olhei para a minha cidade.

Nesse mesmo dia, deixei para trás mais do que um lugar. O que eu ainda não sabia era como aquela viagem me iria mudar para sempre.



Bruce Owen, Antes da Ruptura

A MARIE até está a conduzir melhor do que eu esperava. No caso dela, isso só significa que já não deixa o carro ir abaixo ao menor sinal de pressão. Tem as mãos coladas ao volante com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. Sempre que precisa de reduzir velocidades, prende a respiração. Sempre que se aproxima de um cruzamento, morde o lábio inferior como se a rua à frente pudesse julgá-la.

Digo-lhe para soltar os ombros. Para não lutar contra o carro. Para o deixar respirar.

Ela acena, tensa, e tenta corrigir-se. Passados dez segundos, volta ao mesmo.

O Brian vai no banco de trás, inclinado entre os dois assentos da frente, com aquele ar de quem acredita que faria melhor se estivesse ao volante. Tem dezassete anos, demasiada energia para estar quieto e orgulho a mais para admitir que está aborrecido.

— Se travares assim tão cedo, ele vai abaixo outra vez — diz.

— Se continuares a comentar tudo o que ela faz, deixo-te aqui na berma e sigo só com a Marie.

— Desculpe, Bruce. Estou só a brincar com ela.

Ele recua com um riso curto, meio divertido, meio ofendido. A Marie nem reage. Está demasiado ocupada a tentar não falhar.

Lá fora, Richmond devia parecer igual ao costume. Trânsito. Gente nos passeios. Semáforos a prender o fluxo dos carros. O cinzento do asfalto misturado com o branco-sujo do inverno por baixo de um sol frio. Devia ser isso. Mas não é. Há qualquer coisa fora do sítio.

Não é uma imagem concreta, é mais uma sensação. Sirenes ao longe. Um helicóptero a passar demasiado baixo. Pessoas a andar depressa, como se estivessem atrasadas para uma urgência que só elas conhecem.

Desde a notícia vinda de Miami que o país inteiro anda a fingir normalidade com força a mais. Um assaltante abatido. Um cadáver que volta a mexer-se a caminho da morgue. Paramédicos atacados. Mais casos. Mais vídeos tremidos. Mais comentadores com ar grave a pedir calma sem saberem do que falam.

Desliguei a televisão na noite anterior com a impressão de que a realidade começava a cheirar mal.

A Emily ri-se quando lhe digo isso. Diz-me para eu parar de ver lixo sensacionalista antes de dormir. Depois prende o cabelo com as duas mãos, de costas para mim, no meio da cozinha, e lembra-me que no hospital ninguém tem tempo para entrar em pânico por causa de boatos. A Emily tem esse dom irritante de fazer o caos parecer apenas mais uma tarefa atrasada.

— Na próxima, vira à esquerda — digo à Marie. — Devagar. Não cortes demasiado.

Ela obedece. O carro entra na nova rua com um pequeno solavanco. Vou abrir a boca para lhe corrigir a trajetória quando vejo dois carros da polícia atravessados mais à frente.

— O que é isto? — pergunta o Brian.

A Marie tira logo o pé do acelerador.

— Encosta atrás daquele *Sedan* azul — digo. — Com calma.

Há vários veículos imobilizados diante de nós. Alguns condutores saem para tentar perceber o que se passa. Um polícia manda-os recuar com gestos bruscos, secos, sem se preocupar em explicar nada. Mais à frente, outra rua também está cortada. E outra. Sinto qualquer coisa a apertar-me por dentro.

— Fica aqui — digo à Marie. — Não desligues o motor.

Saio do carro e o frio apanha-me logo na cara. Caminho até ao agente mais próximo, um tipo novo demais para ter aquele olhar esgotado. Tem uma mão pousada perto da arma e a outra a repetir sempre o mesmo gesto de recuo, como se a rua inteira estivesse a desaprender a linguagem.

— Bom dia, senhor agente. O que se passa? — pergunto. — Tenho dois alunos no carro. Preciso de os levar para casa.

Ele olha para mim como se eu estivesse a interromper uma perseguição para perguntar as horas. Ainda assim, a voz sai-lhe contida, como se estivesse a caminhar sobre estilhaços e não mo quisesse demonstrar.

— Volte para o veículo, senhor. A área está temporariamente sob restrição.

— Restrição porquê?

— Volte para o veículo.

A voz não sobe. Não ameaça. É pior do que isso. Sai-lhe com o peso de quem já repetiu a mesma frase demasiadas vezes e sabe que nenhuma delas vai resolver o que quer que seja.

Volto para o carro, mas mantenho-me do lado de fora, de braços cruzados e atento ao movimento na rua. O Brian já baixou o vidro.

— Então?

— Nada. Disseram para esperarmos.

— Esperarmos pelo quê?

— Boa pergunta.

A Marie olha para mim sem desviar muito a cabeça, como se tivesse medo de perder o controlo do carro mesmo parada.

— Isto tem a ver com aquelas notícias?

Não respondo logo. A verdade é que também penso nisso. Mas dizê-lo em voz alta dá forma a uma coisa que ainda quero manter informe. Enquanto não tem nome, talvez ainda possa ser outra coisa.

Poucos minutos depois, chegam os militares.

O som vem primeiro. Um ronco grave, pesado, que entra pela rua antes dos próprios veículos. Depois aparecem os blindados ao fundo, lentos, maciços, a ocuparem demasiado espaço, como animais de metal que avançam sem precisar de se apressar porque sabem que tudo lhes abre caminho. Alguns carros tentam inverter a marcha. São mandados parar. Um homem numa carrinha branca começa a berrar pela janela. Ninguém lhe responde.

— Foda-se... — murmura o Brian.

A Marie fixa-se no para-brisas. As mãos endurecem novamente no volante.

— Professor... isto não é normal.

Não. Não é.

Um militar passa junto ao nosso carro. Levanto a mão devagar, para lhe chamar a atenção. Ele aproxima-se, com uma arma enorme nas mãos. Não há hostilidade no rosto dele. Só uma espécie de cansaço estéril, como se já tivesse desligado a parte humana do turno.

— Bom dia. Desculpe. Pode dizer-me o que se passa? — pergunto. — Estamos aqui retidos porquê?

Ele olha primeiro para mim, depois para a Marie, depois para o Brian.

— Está em curso um programa confidencial do governo. Estas medidas são para a segurança de todos. Mantenham a calma e aguardem instruções.

Fico a olhá-lo um segundo.

— Um programa confidencial do governo? Está a ouvir-se?

— Volte para dentro do carro, senhor.

Afasta-se logo a seguir.

Entro e fecho a porta com mais força do que queria. O Brian percebe pela minha cara que nem eu acredito naquela explicação.

— O que é que ele disse?

— Que estamos entregues a idiotas.

Pego no telemóvel e ligo à Emily. A chamada falha. Tento outra vez. Depois outra. À quarta, o telefone chega a dar sinal de toque antes de morrer a meio. À quinta, nem isso. À minha volta, há dezenas de pessoas a fazer o mesmo. Cabeças baixas sobre ecrãs. Braços erguidos junto às janelas. Bocas a praguejar atrás dos vidros. Um homem bate com a testa no volante. Uma rapariga do outro lado da rua chora com o telefone preso à orelha.

— Não consegue falar com ela? — pergunta a Marie.

Abano a cabeça.

— Deve estar atolada no hospital.

É o que digo. Não sei se para tranquilizá-la a ela ou a mim.

BRUCE OWEN, CINCO HORAS APÓS A RUPTURA

As horas arrastam-se. A manhã perde-se numa tarde baça, e a tarde dissolve-se numa noite prematura. O aquecimento do carro não pode ficar ligado para sempre. A dada altura desligamos o motor e o frio começa a infiltrar-se por todo o lado: pelos vidros, pelas portas, pelas costuras dos bancos. O cheiro dentro do carro muda. Fica mais húmido. Mais apertado. A irritação à nossa volta transforma-se noutra coisa. Menos barulhenta. Mais funda.

Medo, talvez. Ou aquele ponto intermédio em que o medo ainda não encontrou o nome certo.

O Brian é o primeiro a quebrar.

— E se os meus pais também estiverem presos num sítio destes?

— Devem estar em casa — respondo, coçando a têmpora com os dedos.

Nem eu acredito na firmeza da minha voz.

— E se não estiverem?

Não digo nada. Ele desvia o olhar e morde o interior da bochecha. Já reparei que faz isso quando está a tentar segurar qualquer coisa dentro dele.

A Marie encosta a cabeça ao apoio, antes de falar debilmente.

— A minha mãe deve estar a dar em maluca. Odeia não saber onde eu estou.

— Assim que isto passar, levo-vos aos dois a casa.

As palavras saem-me de forma natural, mas mal acabam percebo o que significam. Já não sou apenas o instrutor. Sou o adulto no carro. O responsável. A única pessoa ali dentro obrigada a manter-se inteira.

BRUCE OWEN, DEZ HORAS APÓS A RUPTURA

A noite cai de vez. Ao longe, clarões azuis e vermelhos piscam entre as ruas como reflexos de uma cidade a falhar por dentro. Ninguém nos traz água. Ninguém nos dá instruções novas. Ninguém explica por que motivo estamos cercados por militares armados enquanto o resto da cidade continua algures para lá do nosso campo de visão.

A Marie adormece por instantes, num sono torto e leve. O Brian não fecha os olhos. Eu também não. Continuo a tentar ligar à Emily até a bateria começar a descer depressa demais.

Depois ouço o primeiro grito. Não é um grito limpo. Não nasce inteiro. É arrancado a meio, truncado, como se alguém o esmagasse antes de o deixar sair por completo.

A Marie acorda num sobressalto.

— O que foi isso?!

— Marie, deixa-me ir para o volante. — digo e a minha voz sai mais baixa do que esperava. Assim que tomo o lugar do condutor, impeço Brian de falar. — Quietos.

Vem outro grito. Depois outro. Portas a bater. Passos. Movimentos bruscos entre os carros. Vários militares começam a correr na direção oposta à nossa. Alguns apontam armas para um beco lateral. Outros gritam ordens por cima uns dos outros. Um disparo rasga o ar. Depois outro. E depois uma rajada inteira, seca e rápida, que me faz vibrar o peito.

Uma mulher sai de um carro duas filas à nossa frente aos berros,

a chamar pelo filho. Um soldado empurra-a de volta sem cerimónia. Uma carrinha tenta arrancar e bate logo no carro da frente. Mais alguém começa a bater no vidro de um carro próximo. Não bate como quem pede socorro. Bate como quem já não sabe fazer outra coisa senão entrar.

E então, vejo uma coisa a mover-se entre dois militares. Não percebo logo o que é. Percebo apenas que não se move como devia.

Um dos soldados dispara quase à queima-roupa. A figura cai. O outro inclina-se, talvez para confirmar alguma coisa, e nesse instante qualquer coisa o puxa para baixo. O capacete dele desprende-se e rola pelo asfalto. O Brian solta um som engasgado atrás de mim.

É aí que deixo de esperar. Meto o carro em marcha.

— Bruce... — sussurra a Marie.

— Cintos. Agora.

Nem sei se me ouvem bem. Já estou a avançar. Há carros por todo o lado, alguns imóveis, outros a tentarem forçar passagem. Sigo o último veículo que consegue abrir espaço entre dois bloqueios metálicos e um blindado mal posicionado. Um militar grita qualquer coisa e bate com a mão aberta no capô quando passamos por ele. Não paro. Viramos à primeira esquina. Depois à segunda. Depois a outra. E outra.

Conheço Richmond quase esquina a esquina, mas esta noite a cidade parece redesenhada por alguém com ódio. Semáforos desligados. Viaturas atravessadas. Portas abertas. Sacos espalhados no chão. Luzes acesas em casas que parecem vazias; noutras, escuridão completa. Há qualquer coisa de pós-humano em tudo aquilo, como se a cidade tivesse sido deixada a meio de uma frase.

Ninguém fala.

O vulto aparece tão de repente que só tenho tempo de carregar no travão antes do impacto. O corpo embate no capô e cai no asfalto com um som baço, pesado, errado.

O carro para. Durante um segundo, nenhum de nós respira.

— Meu Deus... — murmura a Marie.

Saio sem pensar. Saio porque ainda estou preso ao reflexo do mundo antigo. Se atropelo alguém, saio. Vejo se está vivo. Peço ajuda. Faço qualquer coisa.

O corpo está de lado, imóvel. Dou dois passos na sua direção.

E ele mexe-se. Ou ela. Só percebo isso depois.

O tronco ergue-se aos arrancos, como uma marioneta mal presa. Depois vem a cabeça. Ou o que resta dela. Falta-lhe parte do maxilar.

A boca é um rombo húmido, escuro, de onde escapa um som rouco que não parece dor. Uma das mãos arrasta-se pelo chão até mim, os dedos a torcerem-se com uma vontade obscena.

Não há ali nada humano.

Recuo num salto. Grito. Nem decido gritar. O som sai-me do corpo antes de passar pela cabeça. Corro para o carro, tropeço, bato com a mão na porta, entro e arranco antes de a fechar bem.

No espelho, ainda a vejo a erguer-se. O Brian e a Marie vêm tudo.

A partir daí, o silêncio instala-se entre nós como uma quarta presença. Só ouço a respiração curta da Marie e o bater do meu coração, tão forte que me dói nos ouvidos.

BRUCE OWEN, DOZE HORAS APÓS A RUPTURA

A primeira casa a que vou é a da Marie.

Bato à porta com violência. Chamo pelos pais dela. Nada. A rua inteira parece sustida. Não se ouvem televisões, vozes, passos, nem cães. Há uma luz acesa no andar de cima e isso piora tudo. Faz da casa uma coisa viva e morta ao mesmo tempo.

É o Brian quem vê a nota presa à porta.

Os pais partiram para os campos a norte. Seguem a recomendação das autoridades. Ficar na zona de quarentena ou procurar refúgio fora da cidade. Pedem à Marie que faça o mesmo, caso chegue ali e eles já não estejam.

Ela lê aquilo sem chorar. Nem uma lágrima. Só fica ainda mais quieta. Isso assusta-me mais do que o contrário. Entramos na casa.

Levamos o que encontramos à mão. Água, comida enlatada, bolachas, uma lanterna, cobertores, fósforos. Coisas pequenas, banais, miseráveis. Coisas de fim do mundo.

Na casa do Brian, o resultado é o mesmo — vazio. Na minha, pior.

A ausência da Emily pesa de outra forma, porque eu ainda espero encontrá-la. Não é uma esperança racional, só aquele impulso cego de abrir a porta e acreditar que a vida me vai pedir desculpa. Mas a casa recebe-me com silêncio. Arrumada. Intacta. Quase cruel na sua normalidade. Como se ela se tivesse evaporado dali e levado consigo o único ar respirável daquela divisão.

Chamo por ela uma vez. Depois outra.

A minha própria voz devolve-se das paredes com um eco absurdo, doméstico, quase ofensivo. Fico parado no *hall* tempo demais, incapaz de aceitar que uma casa possa continuar inteira quando tudo o resto já começou a apodrecer. O telefone pesa-me na mão, inútil. Pela primeira vez, percebo que Richmond já não é uma cidade onde se possa procurar seja quem for.

Quando volto ao carro, o Brian está de pé ao lado da porta traseira. Tenta parecer composto, mas os olhos denunciam-no. A Marie está sentada, muito direita, com as mãos sobre as mochilas, como se tomar conta delas fosse a única coisa concreta que ainda lhe resta. Nenhum dos dois me pergunta se encontrei a Emily.

Ainda bem.

O Brian fechou a porta sem olhar para mim. A Marie apertou as mochilas ao peito. Arranquei. À nossa volta, a cidade parece respirar mal. Há zonas mergulhadas numa escuridão espessa, e outras afogadas numa luz branca, agressiva, como se ninguém se tivesse lembrado de desligar o mundo antes de o abandonar. Ao longe ouvem-se tiros esporádicos. Noutro ponto qualquer, um alarme dispara sem que ninguém o cale. Passamos por um posto de gasolina saqueado, por um semáforo tombado, por uma bicicleta caída no meio da rua. Pequenas ruínas de um quotidiano que, horas antes, ainda se julgava garantido.

E então vejo uma coisa simples. Resta apenas um caminho sem tanques. É esse que escolho.

Não porque saiba para onde vou. Não sei. Mas tenho dois miúdos dentro do carro, três mochilas mal cheias e uma cidade inteira a apodrecer atrás de nós. Às vezes, decidir é só isto. Escolher a estrada que ainda não está fechada e fingir que isso basta.

Sigo em frente. Não olho para trás.

BRUCE OWEN, DEZASSETE HORAS APÓS A RUPTURA

Nem sei bem onde estamos. Um troço de estrada estreito, cercado por árvores altas de um lado e mato irregular do outro. Não há casas, não há luzes, não há nada que me diga que aquele lugar pertence a alguém. Talvez seja por isso que escolho parar. Porque, por algumas horas, preciso de um sítio que não pertença a Richmond.

Desligo o motor. O carro fica mergulhado num som morto, interrompido apenas pelo estalar do metal a arrefecer e pelo vento a

roçar as árvores. O Brian continua a olhar em frente, demasiado quieto para um rapaz como ele. A Marie está encolhida no banco, os braços abraçados ao corpo, os dedos escondidos nas mangas da camisola. Não passaram sequer doze horas e já nenhum deles se parece com o miúdo que entrou no meu carro nessa manhã.

Pego no telemóvel. A bateria está no vermelho. O ecrã ilumina-me a mão por um segundo e eu marco o número da Emily.

Chama. Só isso basta para me endireitar no banco.

Fixo o ecrã como se pudesse obrigá-lo a levá-la até mim. Um toque. Depois outro. Quase consigo imaginá-la a tirar o telefone do bolso da bata, a afastar-se do ruído do hospital, a passar a mão pelo cabelo antes de me responder com aquele cansaço impaciente que só ela sabe ter.

A chamada cai. Volto a marcar. Desta vez nem chega a tocar.

Ao meu lado, a Marie tenta também. O Brian faz o mesmo logo a seguir, com movimentos bruscos, irritados, como se a força dos dedos pudesse abrir caminho nas linhas.

— Alguma coisa? — pergunta ele.

Abano a cabeça.

A Marie baixa o telemóvel devagar.

— Também não.

Marco outra vez.

Agora a chamada chega a dar um toque curto, incompleto, e morre logo a seguir. O nome da Emily no ecrã começa a parecer uma crueldade. Fico a olhar para aquelas letras como se pudesse arrancar delas uma resposta. É absurdo, eu sei. Mas ainda não consigo aceitar que o absurdo tenha deixado de ser o pior dos nossos problemas.

— Bruce... — diz a Marie, muito baixo. — E se as linhas estiverem mesmo em baixo?

— Então voltam.

Digo-o depressa demais. Não porque acredite mesmo nisso, mas porque preciso de acreditar em qualquer coisa. Se deixo cair a hipótese de a Emily atender, deixo cair o resto atrás.

Abro a mochila, tiro uma garrafa de água e passo-lha. Depois faço o mesmo com o Brian. Dou-lhes bolachas. A Marie come metade de uma. O Brian aceita duas e mastiga sem vontade. Eu meto qualquer coisa à boca, mas não sinto o sabor. Só sinto o telefone na mão. Volto a olhar para ele. A bateria pisca. Tento uma última vez. Nada. O ecrã apaga-se.

Carrego no botão lateral. Nenhuma resposta. Outra vez. Nada.

Fico a olhar para o meu reflexo baço no vidro negro durante um segundo. Depois saio do carro.

O frio morde-me logo a cara. Caminho alguns passos até à berma com o telemóvel apertado na mão. Não quero guardá-lo. Não o quero comigo como um objeto inútil, um peso morto cheio de restos da vida que eu tinha há poucas horas. Num impulso cego, atiro-o para o mato.

O som é pequeno. Um estalido breve entre folhas secas e ramos. Só isso.

Volto ao carro de mãos vazias. Nenhum deles pergunta nada. O Brian percebe pelo gesto. A Marie também.

— Poupem os vossos — digo. — Não sabemos quando vamos conseguir carregá-los.

É o mais perto que consigo chegar da verdade sem a dizer por inteiro.

A noite avança devagar, fria, húmida. Encosto a cabeça ao banco por instantes, mas não durmo. Fico de olhos abertos, atento à estrada vazia, aos ruídos esparsos que chegam de longe sem nunca se tornarem claros. Um estalido seco que pode ser um tiro. Um som metálico. Um latido isolado. Depois nada outra vez.

Penso na Emily.

Penso nela no hospital, rodeada de gente em pânico, a tentar manter as mãos firmes enquanto tudo à volta desaba. Penso nela a sair por uma porta lateral, à procura de rede, a tentar ligar-me de volta. Penso nela viva porque ainda não sei fazer outra coisa.

Lá atrás, o Brian acaba por adormecer primeiro, num sono curto e tenso. A Marie resiste mais, mas acaba por ceder também, com a cabeça encostada ao vidro. Parecem ambos demasiado novos assim. Miúdos. Só miúdos. E eu odeio o facto de o mundo me ter deixado sozinho na obrigação de ser o adulto.

BRUCE OWEN, VINTE HORAS APÓS A RUPTURA

Quando o céu começa a clarear, não parece manhã. Parece apenas uma versão menos escura da mesma desgraça, enevoada e em tons deprimentes de cinza. Pior, cheira a fumo.

Passo a mão pelo rosto, sinto os olhos a arder, a boca seca, o corpo inteiro pesado de cansaço. Não posso continuar ali, parado, como se

o simples ato de esperar fosse trazer alguém de volta. Preciso de ver. Mesmo que me arrependa. Preciso de perceber o que ficou de Richmond.

Ligo o carro. O Brian desperta num sobressalto.

— O que foi?

— Vou voltar atrás. Só o suficiente para perceber melhor a situação.

A Marie esfrega os olhos, confusa.

— Voltar a Richmond?

— Não entrar. Só aproximar-nos. Preciso de saber no que é que nos estamos a meter.

Nenhum deles gosta da ideia. Vejo-o logo. Mas também nenhum me contradiz. A essa altura, todos sabemos que estamos a tomar decisões sem mapa.

Faço inversão de marcha e sigo pela estrada por onde viemos, agora sob uma luz mortíça que torna tudo ainda mais desolador. As árvores parecem ossos. Os campos, ao longe, têm a cor de água suja. À medida que nos aproximamos, começam a surgir mais sinais da fuga. Um carro abandonado na berma. Uma mala aberta no meio da estrada. Um casaco infantil preso numa vedação. Pequenos restos de uma pressa demasiado humana.

Subo por um desvio estreito que me parece familiar. Não porque já ali tenha estado muitas vezes, mas porque o relevo me sugere altura. Preciso de um ponto alto. Um sítio de onde consiga olhar sem entrar.

Quando chego ao topo da colina, travo. Richmond estende-se diante de nós como um corpo aberto.

Há casas a arder em vários pontos da cidade, bocas laranja a mastigar telhados e janelas. Colunas de fumo sobem lentas, grossas, misturando-se num céu sem cor. Vejo tanques a moverem-se pelas ruas com uma lentidão convulsa, como insetos cegos a arrastarem-se sobre um cadáver. Há destroços por todo o lado. Carros tombados. Cruzamentos bloqueados. Fachadas abertas como feridas. Mais ao longe, entre as ruas e os passeios, pequenas figuras cambaleiam sem rumo. Movem-se com uma descoordenação obscena, aos repelões, como se os corpos já não obedecessem a nenhuma lei que eu reconheça.

Não preciso de ver mais perto. Não preciso de respostas.

Algo horrível está em curso. É isso. Simples e absoluto.

Ao meu lado, a Marie leva a mão à boca.

— Meu Deus...

O Brian não diz nada. Nem pestaneja. Fica a olhar para a cidade como se ainda esperasse encontrar nela alguma parte intacta dos pais,

da casa, da vida. Mas não há nada intacto. Nem a distância consegue embelezar aquilo.

Eu agarro o volante com força. Não sinto tristeza primeiro. Sinto traição. Como se a cidade me tivesse mentido durante trinta anos e só agora mostrasse a sua verdadeira cara. As ruas onde aprendi a conduzir. A escola. A minha casa. O hospital onde a Emily devia estar. Tudo ali, reduzido a ruído, fumo e movimentos que nenhum ser vivo devia fazer.

É a última vez que olho para Richmond como minha.

Desvio os olhos antes que a cidade me tire mais alguma coisa. Engato a mudança, desço a colina e volto à estrada principal. Nenhum de nós fala. Já não há nada a discutir.

Desta vez sigo em frente sem hesitar. Agora sei o suficiente.

Volume 1

Forgets the Manners¹

«Forget about values, forget good manners. Death surrounds us and the last thing they need right now is for you to teach them a lesson...»²



¹ Esquece as Boas Maneiras.

² Esquece os costumes, esquece as boas maneiras. A morte já está à nossa volta. A última coisa que precisam agora é de uma lição...

